



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/1738>

DOI: 10.20396/rfe.v7i1.1738

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2015 by UNICAMP/FE. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

RUBEM ALVES, Amigo, Companheiro, Irmão*Antonio Muniz de Rezende*

Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*

Este artigo começou a ser escrito por ocasião de uma defesa de tese no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, com o título *Rubem Alves, a poética da existência*. Como membro da banca, adotei naquela ocasião uma atitude dialogante, tentando ver e comentar aspectos que Rubem e eu tínhamos em comum, sem tirar o foco de sua personalidade. Também hoje vou comentar alguns aspectos que pudemos viver juntos por ocasião de nosso encontro na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp.

1. Liturgia da Morte no Fim do Percurso

Desculpem começar de maneira talvez simples demais: eu era um pouco mais velho que o Rubem. Ele nasceu em 1933, eu em 1928. Cinco anos mais velho. Isso me levou a sempre abrir os braços não só para acolhê-lo, mas para tentar entender a linguagem de que se servia, por exemplo, em seu último artigo no jornal campineiro *Correio Popular*, sobre a *Liturgia da Morte*. Ei-lo:

O homem voltou-se para a esposa sentada a seu lado e lhe disse: Chegou a hora de viver a liturgia da morte. Em outras palavras: chegou a hora de salvar a morte do horror, para torná-la parte da beleza cósmica. Deus é um esteta que ama a beleza. O homem é um esteta que ama a beleza. Foi criado à imagem e semelhança de Deus. O homem – qualquer homem – sem o saber, compõe na sua

*Professor Titular aposentado da Unicamp.

vida uma peça musical. O fim tem de ser belo ainda que trágico. Acho que este é o desejo oculto de todas as pessoas. Que a morte não seja o terror – mas como sugeria o Mario Quintana: “Um céu que, pouco a pouco anoitece. E a gente nem soubesse que era o fim”!

Não posso deixar de reconhecer que este foi um dos últimos assuntos que tivemos em comum em razão da idade. Rubem com 80 anos, eu com 86. Quantos anos mais ainda teríamos pela frente? Antes de dar uma resposta, lembrei-me de um poema de Mallarmé por ocasião da morte de seu amigo Edgard Allan Poe, e que termina com esse verso precioso – *tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change* (“tal como nele mesmo enfim, a eternidade o transforma”). Acho que esse verso de Mallarmé aplica-se perfeitamente também ao Rubem, quando escreveu seu artigo sobre *A Liturgia da Morte*.

Aliás, há também um texto de São João Evangelista, no Apocalipse, dizendo que nosso nome definitivo só é conhecido pelo Cordeiro, que no-lo revelará após nossa morte. Só depois da morte saberemos quem somos, numa plenitude que então será possível. No entanto, podemos falar também do *percurso* antes do fim.

2. O Percurso antes do Fim: Nascimento e identidade Política. “UAI”!

Um *percurso* que me parece extremamente significativo tanto para o Rubem como para mim, em razão das coincidências que nos levavam a essa identificação. A começar pelo fato de sermos ambos *mineiros*. Ele gostava de cantar os versos de Lamartine Babo sobre a *Serra da Boa Esperança*...

Serra da Boa Esperança, esperança que encerra
No coração do Brasil um punhado de terra

No coração de quem vai, no coração de quem vem
Serra da Boa Esperança meu último bem
Parto levando saudades, saudades deixando
Murchas caídas na serra lá perto de Deus
Oh, minha serra, eis a hora do adeus, vou-me embora
Deixo a luz do olhar no teu luar
Adeus.

Rubem e eu somos **mineiros**. Ele da Terra da Boa Esperança, eu da Terra da Mãe de Deus. Nasci em Tupaciguara, Minas, nas margens do Paranaíba. Sou quase goiano, e meu pai nasceu na Bagagem. *Bagagem* era o nome da atual *Estrela do Sul*. Por que esse nome? Porque ali, nas ribanceiras do Paranaíba, foi encontrado o maior diamante de toda aquela região. Esse diamante se chamou *Estrela do Sul*. Onde está? Nos guardados da Rainha da Inglaterra!

Tudo isso criou para nós mineiros, desde o tempo da Inconfidência, uma atitude **política** contra a exploração de nossas riquezas. Vocês se lembram do *quinto*? Era uma porcentagem que os mineiros tinham de pagar ao Imperador sobre o lucro na exploração das *minas gerais*. Os mineiros exploravam Ouro Preto, e sobre tudo que saísse dali nós tínhamos que pagar um *quinto* à Coroa. Dai a expressão mineira “UAI”, que todo mineiro gosta de repetir. Vocês sabem o que significa? É uma brincadeira, mas muito séria, a respeito da “União dos Amigos da Inconfidência”. A **Inconfidência Mineira** está no nosso inconsciente, desde sempre. Nascemos juntamente com uma revolta política contra a exploração do ouro *preto*... E o pior é que o Imperador usava esse nosso dinheiro para pagar a dívida que Portugal contraíra... com a Inglaterra!

Tiradentes foi sacrificado por ter-se revoltado contra esta situação. E nós mineiros continuamos herdeiros da revolta de Tiradentes. Quem trabalhou isso de maneira muito bonita foi Tristão de Athayde num volume intitulado *Voz de Minas*, que vale a pena conhecer.

3. Da contrarrevolução política para a Teologia da libertação

O Rubem mineiro, eu mineiro. Ele saiu da Boa Esperança e veio para Campinas. Eu saí de Tupaciguara e fui inicialmente para Uberaba, antes de vir para São Paulo, capital. Por que estou insistindo em *Tupaciguara*? Porque é uma palavra tupi-guarani significando Terra da Mãe de Deus (*tupá* Deus, *ci* mãe, *guara* terra). Tudo isso, no imaginário mineiro, tornou-se muito rico em suas conseqüências *religiosas*, *políticas* e *poéticas*. Vejam *Marília de Dirceu...* de Tomás Antonio Gonzaga. E vejam também Adélia Prado, que se tornou amiga íntima do Rubem.

Rubem no seminário presbiteriano em Campinas e São Paulo, eu em Uberaba e São Paulo, onde tive a grande chance de estudar com os padres dominicanos franceses. Por uma dessas bênçãos da história, aos 14 anos eu já falava francês. Por seu lado, o Rubem, com os presbiterianos, aprendeu inglês, e logo em seguida foi para os Estados Unidos estudar e redigir seu primeiro trabalho sobre a *teologia da esperança* (da *boa* Esperança!!!).

Fui para a França em 48, logo após o fim da guerra em 45. Nessa época, o grande assunto na França era como recuperar a honra depois de o exército alemão ter desfilado em Paris, em frente ao Arco do Triunfo. Que humilhação! Arco do Triunfo ou da Derrota? Nesse contexto Jean-Paul Sartre escreveu sobre a angústia existencial não apenas como tema teórico, mas vivido. A França humilhada era chamada a superar sua própria humilhação. Rubem e eu entendemos facilmente a angústia existencial de franceses e aliados, inclusive dos americanos!

Voltei ao Brasil em 1954, depois de defender um doutorado em teologia, em Roma, no Angélico. Rubem também voltou dos Estados Unidos. E, não muito tempo depois, tivemos que amargar a angústia da dominação militar nos anos 60.

Esse foi um período de dominação política por parte dos militares, nos levando, também a nós, a tomar importantes decisões. Rubem a seu modo, eu a meu modo. Ele voltou aos Estados Unidos e eu voltei à Europa, mais precisamente para a Universidade Católica de Louvain, onde pretendia defender um doutorado em filosofia, com uma crítica ao dogmatismo da Escola Superior de Guerra. Rubem, em Princeton, retomou a temática da *esperança*, sob o ângulo da teologia da *libertação*, a tal ponto que ele gostava de dizer: “Quem usou pela primeira vez a expressão *teologia da libertação* fui eu”. É verdade, mas no prolongamento de seus estudos sobre a teologia da esperança (a partir da Escola Crítica de Frankfurt, bem conhecida como freudo-marxista, e representada por Herbert Marcuse, Habermas e Adorno, entre outros).

No início dos anos 60 eu era professor na Católica de Belo Horizonte, onde tivemos que enfrentar a repressão militar. Em razão do apoio dado a um congresso da UNE, tive que responder a um IPM (Inquérito Policial Militar) presidido pelo General Euclides Figueiredo, irmão do futuro Presidente Figueiredo. Por isso mesmo, fui obrigado a deixar o país, só voltando em 75, após julgamento em Juiz de Fora. Vim então para Campinas, a convite da Unicamp.

4. Da Igreja para a Universidade

Nessa ocasião, o Professor Zeferino Vaz era reitor e seu projeto era fazer em Campinas uma universidade tão boa que os militares sequer sentissem vontade de intervir. Mais precisamente, não precisassem invocar a famosa

Doutrina da Segurança Nacional, com a distinção dos cinco poderes: poder político, poder econômico, poder sociocultural, poder religioso, poder militar. Eram cinco poderes e os quatro primeiros seriam sempre controlados pelo último. (Minha tese em Louvain deveria ser uma crítica a semelhante doutrina).

Prof. Zeferino tinha sido reitor da Universidade de Brasília, depois do Darcy Ribeiro e do Anísio Teixeira, e trouxe para cá o projeto de uma universidade tão boa que mesmo os militares tivessem que reconhecer sua qualidade e competência. Um dos critérios adotados pelo Zeferino foi o seguinte: em relação ao Instituto de Física, perguntou qual era o melhor físico brasileiro no momento. César Lattes. E onde se encontrava? Nos Estados Unidos. Pois mandem-no buscar. E ele veio.

Foi nessa ocasião que, vindo para cá, em 1976 fui nomeado Diretor da Faculdade de Educação, e ali, também nós perguntamos: “Quais os melhores educadores brasileiros no momento? Rubem Alves, Paulo Freire, entre outros. Pois mandem-nos buscar!” E foi o que fizemos. Convidamos e eles vieram. Em seguida, tratava-se de definir um projeto para a Faculdade de Educação. Com a colaboração dos professores, pude redigir um projeto inspirado no tema da revolução cultural em andamento em vários países do mundo. Esse projeto foi publicado com o título *Crise Cultural e Subdesenvolvimento Brasileiro*.

Ora, uma característica tanto do Paulo Freire como do Rubem Alves era a preocupação com a qualidade de vida da população brasileira. O Rubem trabalhando na instituição universitária, o Paulo Freire às voltas com a Cultura Popular. Mas ambos empenhados em levar a cabo uma verdadeira revolução cultural, nos moldes da revolução cultural de maio 68 na França (mas também no Québec, onde trabalhei de 71 a 75, na promoção de uma *Revolução Tranquila*).

No caso da Unicamp, tivemos que pensar no nome de um substituto do Prof. Zeferino, após sua morte. Vários nomes foram indicados. Dentre eles, foram lembrados tanto o do Rubem como o do Paulo Freire. Nenhum dos dois foi escolhido.

5. Da universidade para a Psicanálise

Estou contando tudo isso para dar um primeiro contexto. Um segundo contexto que gosto de mencionar em nome pessoal é que Rubem Alves é também meu irmão de divã. Fizemos análise com a mesma analista didata lá em São Paulo: Dona Judith Teixeira de Carvalho Andreucci. Quando ela morreu, Rubem escreveu um artigo belíssimo com o título *O pôr da lua*. Dona Judith comparada a uma lua que se põe!

Em nossa formação psicanalítica, estudamos Freud, Lacan, Melanie Klein, Winnicott e Bion. A esse respeito, costumo dizer que nasci freudiano, cresci lacaniano, amadureci kleiniano, envelheci bioniano, para poder agora ser eu mesmo com a ajuda de todos eles. Mas, dentre eles, minha preferência era mesmo por Bion, com sua proposta de três modelos epistemológicos para o exercício da psicanálise: o modelo filosófico-científico, o estético-artístico e o místico-religioso.

Rubem e eu começamos valorizando o primeiro, filosófico-científico, em função de nosso próprio itinerário intelectual. Em seguida, ele privilegiou o modelo estético-artístico, enquanto eu mesmo acabei privilegiando o modelo místico-religioso, encarado mais precisamente como ético-místico.

Mais ainda, quando Bion falou do *gênio*, do *messias* e do *místico* como características do *psicanalista de verdade*, o Rubem acabou insistindo no aspecto messiânico-profético do analista, enquanto eu continuei

ênfase na experiência de ser.

6. Mudança catastrófica: Da psicanálise para a poesia (no caso do Rubem), da religião para a ética e a mística (no meu caso)

O Rubem sempre juntava as dimensões poética e a profética, reconhecendo que o profeta não deixa de ser um poeta com todos os efes e erres. Um dos aspectos mais bonitos do discurso dele sempre me pareceu ser essa união da poesia com a profecia.

Isso ficou ainda mais evidente quando, já tendo se aposentado da Unicamp, Rubem aposentou-se também da psicanálise. Ele mesmo apresentava-se como escritor-poeta, muito mais que como teólogo, professor ou psicanalista. Passou a trabalhar com a poesia, em sentido amplo, existencial, e até mesmo jornalístico.

Agora, resumindo muito para concluir, posso dizer que escrevi alguns livros de psicanálise. Além de *Ser e não ser; sob o vértice de O*, escrevi um outro sobre *O paradoxo da psicanálise, uma ciência pós-paradigmática*. Esse tema do paradigma e do pós-paradigmático é que acabou marcando nossas tomadas de posição – as do Rubem e as minhas. Em ambos os casos, levando principalmente em conta as opções que havíamos feito em psicanálise. E agora eu me permito enfatizar esse aspecto “em psicanálise”.

Um dos grandes temas na psicanálise de Bion é a *mudança catastrófica*. Ele considerava como *catastróficas* aquelas que se seguem a grandes descobertas na vida – também chamadas de “Pontos de Mutação”. Em contexto bioniano, elas correspondem a uma experiência de *ruptura*. Em seu livro intitulado *Caesura*, ele fala dos grandes cortes, com mudança

de vértice e de paradigma, que ocorrem em nossas vidas – a começar pelo nascimento e o corte do cordão umbilical. Cortes vitais, conotando ruptura.

No caso do Rubem, acho que houve algumas mudanças catastróficas, exatamente “na passagem” da teologia para a filosofia, da filosofia para a psicanálise, da psicanálise para a poesia. No caso dele, principalmente para a poesia; no meu, para a ética e a mística.

A mística entendida nos termos em que o próprio Bion trabalha este assunto em seu livro que tem por título *Atenção e Interpretação*, cuja leitura eu recomendo a todos, especialmente no capítulo intitulado *O místico e o grupo*. Uma das características do místico, em relação ao grupo institucional, é exatamente o “desencontro” (além do encontro!).

Acho que aqui Rubem e eu seguimos caminhos diferentes, embora complementares: Rubem optou pela poesia em sentido pleno, isto é, em relação à própria existência. Donde o título da tese sobre ele defendida no IFCH: *A poética da existência*.

Isso porque, em relação ao segundo item de Bion – o messias e as ideias promissoras – pode haver uma interpretação mais do que simplesmente literária, a respeito do que se entende, neste caso, por aspectos *messiânicos* do indivíduo bem-dotado. Mais precisamente, trata-se da *profecia*. O profeta interpreta os sinais do messias como sendo também sinais da história. Fazendo um jogo de palavras: o que é o profeta? *Um poeta com todos os efes e erres! P-R-O, F-E, T-A!* O poeta e o profeta têm em comum uma especialíssima relação com as palavras. Não apenas com as palavras, mas com seus sinais. O profeta interpreta os sinais do Messias!

E é assim que, no caso do Rubem, houve uma passagem quase espontânea da história da *salvação* para a história da *libertação*. Nós tínhamos em comum, na perspectiva místico-teológica, mas também teológico-política, a mesma história da salvação entendida como história da

libertação. É aqui que nós procurávamos, e o Rubem continuou procurando, os sinais mais significativos! A poesia do Rubem era uma tentativa de reunir semântica e semiótica, numa interpretação profética, do sentido da existência atual!

É bem isso que encontro na poesia dele, por exemplo no artigo que publicou sobre a liturgia da morte. De maneira quase didática, ele dá um exemplo de como passamos da profecia para a poesia, e da poesia para a profecia. Isto a respeito da vida, mas também da morte.

O homem voltou-se para a esposa sentada a seu lado, e lhe disse: chegou a hora de viver a liturgia da morte. Em outras palavras: chegou a hora de salvar a morte do horror, para torná-la parte da beleza cósmica. Deus é um esteta que ama a beleza. O homem é um esteta que ama a beleza. Foi criado à imagem e semelhança de Deus. O homem – qualquer homem – sem o saber, compõe na sua vida uma peça musical. O fim tem que ser belo ainda que trágico.

E ele terminava assim:

Acho que este é o desejo oculto de todas as pessoas. Que a morte não seja o terror – mas, como sugeria o Mario Quintana “Um céu que, pouco a pouco anoitece. E a gente nem soubesse que era o fim”.

Este é o meu Rubem! Se pudesse fazer algumas sugestões, seriam as seguintes: sigamos os conselhos do Rubem – transformando poesia em profecia – e vejamos o que há nessa história da salvação, como sendo ao mesmo tempo a história de nossa libertação...